

Liberdade entre quatro paredes: círculos de biblioterapia com jovens em situação de privação de liberdade

Vitor Apolinário Malgarezi¹, Camila Citadin Milaneze², Dipaula Minotto da Silva³,
Camila Maffioletti Cavaler⁴

Resumo

Este relato de experiência contempla vivências nas oficinas de biblioterapia realizadas em um Centro de Atendimento Socioeducativo (Case) localizado em Santa Catarina (SC), como processo emancipatório dos sujeitos em situação de privação de liberdade. As medidas socioeducativas visam garantir os direitos de crianças e adolescentes e devem ser de caráter não punitivo, no entanto, podem influenciar o processo de individuação, aprendizagem e autonomia dos sujeitos. Sendo a biblioterapia uma prática de leitura e diálogo a partir da literatura, por meio dos círculos, pretendeu-se compreender de que forma essa ferramenta pode ser utilizada em espaços de vulnerabilidade para a promoção da emancipação de jovens. Foram realizados encontros semanais, durante cinco semanas, envolvendo um total de dez jovens. Nos encontros, eles demonstraram um forte desejo de expressão por meio de falas, escritos e desenhos. Os círculos de biblioterapia proporcionaram um ambiente fértil para trocas de saberes e reflexões sobre si e o mundo, permitindo que eles se vissem como sujeitos de suas histórias e criassem possibilidades de futuro a partir dos diálogos do grupo. Assim sendo, a biblioterapia se configura como um instrumento potente de educação popular para essa população.

Palavras-chave

Biblioterapia. Educação libertadora. Jovens. Literatura.

¹ Doutorando em Educação na Universidade do Extremo Sul Catarinense, Santa Catarina, Brasil. E-mail: vitorapmal@gmail.com.

² Especialista em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Sociedade Educacional de Santa Catarina, Brasil. E-mail: camilamilaneze@gmail.com.

³ Doutoranda em Saúde Coletiva na Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil; professora na Universidade do Extremo Sul Catarinense, Santa Catarina, Brasil. E-mail: dms@unesc.net.

⁴ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil; professora na Universidade do Extremo Sul Catarinense, Santa Catarina, Brasil. E-mail: camilamaffioletticavaler@gmail.com.

Freedom behind closed doors: bibliotherapy circles with young people deprived of their liberty

Vitor Apolinário Malgarezi¹, Camila Citadin Milaneze², Dipaula Minotto da Silva³,
Camila Maffioletti Cavaler⁴

Abstract

This experience report convers experiences in bibliotherapy workshops held at a Brazilian Socio-Educational Assistance Center (Case) located in Santa Catarina, state of Santa Catarina (SC), Brazil, as an emancipatory process for individuals deprived of their liberty. Socio-educational measures aim to guarantee the rights of children and adolescents and should be non-punitive in nature; however, they can influence the process of individuation, learning, and autonomy of individuals. Bibliotherapy is a practice of reading and dialogue based on literature, through circles, and the aim was to understand how this tool can be used in vulnerable spaces to promote the emancipation of young people. Weekly meetings were held for five weeks, involving a total of ten young people. At the meetings, they demonstrated a powerful desire for expression through speech, writing, and drawings. The bibliotherapy circles provided a fertile environment for the exchange of knowledge and reflections about themselves and the world, allowing them to see themselves as subjects of their own stories and to create possibilities for future based on the group's dialogues. Thus, bibliotherapy is a powerful tool for popular education for this population.

Keywords

Bibliotherapy. Liberating education. Young people. Literature.

¹ PhD candidate in Education, University of the Far South of Santa Catarina, State of Santa Catarina, Brazil. Email: vitorapmal@gmail.com.

² Specialist in Occupational Safety Engineering, Educational Society of Santa Catarina, State of Santa Catarina, Brazil. Email: camilamilaneze@gmail.com.

³ PhD candidate in Public Health, Federal University of Santa Catarina, State of Santa Catarina, Brazil; professor at the University of the Far South of Santa Catarina, State of Santa Catarina, Brazil. Email: dms@unesb.net.

⁴ PhD in Psychology, Federal University of Santa Catarina, State of Santa Catarina, Brazil; professor at the University of the Far South of Santa Catarina, State of Santa Catarina, Brazil. Email: camilamaffioletticavaler@gmail.com.

Introdução

A biblioterapia, definida como o uso terapêutico da literatura, tem evoluído ao longo do tempo, mantendo-se relevante em diversos contextos educacionais e psicológicos. Originando-se das palavras gregas *biblion* (livro) e *therapeia* (terapia, tratamento), a biblioterapia é um processo que, conforme Ouaknin (1996) e Freire (2020), envolve movimentos de diálogo e imaginação, promovendo a autonomia e a liberdade de aprender e ensinar. Essa prática se alinha com a perspectiva educacional de Paulo Freire, que enfatiza a importância do encontro dialógico, no qual todos têm algo a ensinar e a aprender (Freire, 2020).

Nesse horizonte, Vygotsky (1999) destaca a arte – entendendo-se a literatura como arte – como um fenômeno social intrínseco ao indivíduo, argumentando que seus efeitos, mesmo percebidos individualmente, têm raízes profundamente sociais. Logo, a biblioterapia pode facilitar o processo de catarse e a transformação pessoal, embora também promova uma experiência social e coletiva de troca e aprendizado. Essa prática permite que os indivíduos ressignifiquem suas experiências e realidades, proporcionando um espaço de diálogo e expressão (Ouaknin, 1996; Caldin, 2010).

O presente relato de experiência se insere nesse contexto, explorando a aplicação da biblioterapia em um Centro de Atendimento Socioeducativo (Case), em Santa Catarina (SC), durante um estágio acadêmico em Psicologia Social. O objetivo é utilizar a biblioterapia como uma ferramenta para cumprir as diretrizes do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), promovendo diálogos e reflexões entre os jovens internos (Brasil, 1990; 2012). As oficinas de biblioterapia foram acompanhadas por uma psicóloga do Case e envolveram dez jovens, além de proporcionarem um espaço para a construção de autonomia e expressão.

A relevância deste texto reside na possibilidade de demonstrar como a biblioterapia pode ser uma prática eficaz em contextos de socioeducação, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e social dos jovens. A proposta se fundamenta na teoria de Freire (2011, 2020) sobre a educação libertadora, que compreende o ato educativo como um processo dialógico e transformador.

A biblioterapia, ao criar um espaço de permissividade e expressão, alavanca as subjetividades dos sujeitos, promovendo a emancipação (hooks, 2017). O objetivo geral, portanto, é explorar as potencialidades da biblioterapia como ferramenta de transformação pessoal e social em um contexto de privação de liberdade, conforme citado acima. As contribuições deste trabalho incluem uma reflexão sobre as práticas pedagógicas e terapêuticas

em contextos socioeducativos, além de evidenciar a importância do diálogo, da escuta ativa e da troca de saberes na construção de um ambiente educacional inclusivo e libertador.

Metodologia

Este escrito trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência de estágio, conforme descrito por Daltro e Faria (2019), no qual os pesquisadores descrevem as atividades realizadas, os desafios encontrados e os resultados observados durante a experiência; neste caso, no Case. Esse tipo de metodologia permite uma análise detalhada e reflexiva das práticas implementadas, destacando as experiências vivenciadas e as aprendizagens adquiridas ao longo do processo. Segundo Daltro e Faria (2019), relatos de experiência são fundamentais para a compreensão prática dos fenômenos estudados, proporcionando uma visão rica e contextualizada das intervenções realizadas. Ocorreram cinco oficinas de biblioterapia, com a participação de dez jovens; em todos os encontros, uma psicóloga do próprio Case acompanhou as vivências.

A metodologia adotada para este estudo seguiu um planejamento rigoroso, baseado em intervenções pedagógicas e terapêuticas. Nesse sentido, as oficinas foram concebidas com o objetivo de promover a emancipação e a expressão pessoal dos participantes, alinhando-se às diretrizes do ECA e do Sinase. Todas as atividades foram conduzidas em conformidade com as normativas brasileiras, assegurando os direitos dos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas e promovendo um tratamento humanizado e não punitivo, conforme preconizado pela legislação (Brasil, 1990; 2012).

O trabalho foi fundamentado na teoria da educação libertadora de Paulo Freire, que enfatiza a importância do diálogo e da construção coletiva do conhecimento (Freire, 2020). A prática da biblioterapia foi escolhida devido ao seu potencial para criar espaços de diálogo e reflexão, promovendo a autonomia, a autoexpressão e a emancipação dos jovens. A escuta ativa e a troca de saberes foram elementos centrais no planejamento das oficinas, alinhando-se às ideias de Freire sobre a educação como um processo dialógico e transformador.

Procedimentos para a realização das oficinas no Case

Os procedimentos foram divididos em três momentos principais, sendo eles a preparação do ambiente, o desenvolvimento das oficinas e a documentação e reflexão, conforme detalhado adiante.

1) Preparação do ambiente:

- A biblioteca do Case foi reorganizada para facilitar a dinâmica dos encontros. Mesas e cadeiras foram dispostas em círculo, criando uma atmosfera de igualdade e diálogo aberto, em consonância com os princípios da educação libertadora de Paulo Freire (2011). Materiais como livros selecionados, papéis, lápis, canetas, materiais de desenho e *origami* foram disponibilizados para as atividades.

2) Desenvolvimento das oficinas:

- Introdução ao conceito de biblioterapia: Nos primeiros encontros, o conceito de biblioterapia foi apresentado aos participantes, com a explicação de seu significado e origem, destacando seu uso como ferramenta de expressão e autoconhecimento (Ouaknin, 1996);
- Dinâmicas de leitura e diálogo: A leitura de textos selecionados foi seguida por discussões em grupo. Trechos de livros de autores como Rubem Alves e Clarice Lispector foram utilizados para iniciar os diálogos, que frequentemente se estendiam para além do texto, abordando temas pessoais e sociais relevantes para os jovens (Caldin, 2010). Atividades como desenhos, escrita de cartas e confecção de *origamis* foram propostas para estimular a expressão criativa e a reflexão sobre as experiências de vida deles;
- Meditações guiadas: Em algumas sessões, meditações guiadas foram realizadas para promover a introspecção e a tranquilidade, ajudando os jovens a se conectarem com suas emoções e pensamentos (hooks, 2017).

3) Documentação e reflexão:

- As produções artísticas e escritas foram documentadas ao longo das oficinas. Ao final de cada uma delas, uma roda de conversa era realizada para os jovens compartilharem suas impressões sobre as atividades, proporcionando um espaço para trocas e ajuste das metodologias aplicadas;
- Os relatos foram registrados após as vivências, por uma estagiária, em forma de narrativa em cadernos pessoais, para haver o mínimo registro dos fatos. Ao final dos encontros, foi feito um registro fotográfico das produções desenvolvidas pelos participantes. A adesão às normativas éticas e a criação de um ambiente de confiança e respeito foram fundamentais para o sucesso das oficinas.

As experiências entre quatro paredes

Ao adentrar no espaço do Case, uma das primeiras experiências que nos marcou foi a posição hierarquicamente definida entre “nós” e “eles”. Os jalecos brancos, com os quais precisávamos estar uniformizados, caracterizavam-nos como professores. Além disso, os jovens estavam sentados em bancos de cimento, lado a lado, o que nos fez indagar: “Como os colocaríamos em roda?”. Bem, questionamos aos agentes se poderíamos reorganizar a mesa e colocá-la ao centro, deixando cadeiras ao redor para alguns se sentarem dos lados, assim, conseguimos construir um círculo. Nesse ato de colocar-nos em roda, nos recordamos quando Freire (2011, p. 40) afirmou: “já que a educação modela as almas e recria os corações, ela é a alavanca das mudanças sociais”. Portanto, é na prática da educação libertadora, preconizada por Paulo Freire, que se pode compreender o “ser mais”, a condição ontológica do ser humano, que o faz sempre transcender-se no mundo a partir da ação/reflexão (práxis) e transformação, no caminho da emancipação (Freire, 2020).

A horizontalidade estabelecida nas rodas de biblioterapia permitiu um diálogo autêntico e respeitoso com os participantes, valorizando suas experiências e perspectivas. Ao iniciarmos as atividades, sentimentos de incerteza e apreensão eram comuns, refletindo a complexidade das relações humanas e a necessidade de se construir um ambiente de confiança mútua. No entanto, ao nos concentrarmos na construção de um espaço acolhedor e aberto ao diálogo, conseguimos superar essas primeiras impressões e explorar juntos novas possibilidades de compreensão e transformação. Conforme apontam Caldin (2010) e Freire (2020), o diálogo possibilita a intersubjetividade, permitindo que diferentes perspectivas se encontrem e se enriqueçam mutuamente, tornando a palavra um instrumento fundamental para a construção de relações mais justas e equitativas.

Dessa forma, perguntamos se todos liam. Naquele momento, percebemos que a sinceridade de diálogo se transformou em diversão e todos riram, respondendo que sim. Logo, recordamos da frase “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 2011, p. 10) e comentamos que não liam somente palavras, mas até mesmo um olhar, e, incrivelmente, eles começaram a olhar uns aos outros. Continuamos a fala, explanando sobre a biblioterapia, sua origem e seu significado, explicando as palavras em grego e lendo um trecho do livro *Os três reis*, de Rubem Alves (2004). De repente, percebemos que eles estavam atentos e curiosos, nos olhavam a todo instante. Assim, decidimos ser francos, afirmando que um de nós também estava tentando ler... refletindo sobre quais eram seus nomes, o que pensavam dessa roda, o que iriam fazer naquele dia. Assim, os convidamos a se apresentar, da maneira como quisessem,

e, junto disso, escolher um animal que os representasse.

Um deles se prontificou a começar a atividade e, após dizer seu nome, falou em tom baixo o animal com que se identificava – o lobo. Os jovens ao lado riram, e um deles explicou que esse animal tinha relação com ele por conta da facção da qual fazia parte. Nesse momento, um de nós resolveu reiterar essa fala, em voz alta: “Então, esse animal lembra-te uma parte da história de sua vida?”. Ele afirmou que sim e, por meio de palavras, percebemos estarmos criando um espaço de permissão e de expressão, como comentou Freire (2011, p. 38):

Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros [...] o direito de dizer sua palavra. [...] De escutá-los corretamente, com a convicção de quem cumpre um dever e não com a malícia de quem faz um favor para receber muito mais em troca. [...] Escutá-los no sentido acima referido é, no fundo, falar com eles, enquanto simplesmente falar a eles seria uma forma de não ouvi-los.

Assim, os convidamos a olhar para a mesa colorida, a qual possuía um tapete, livros e folhas. Em seguida, apresentamos a leitura do dia que seria *O livro dos ressignificados* (Doederlein, 2017); apresentamos todo o livro, como a capa, o autor, sua foto, o ano em que nasceu – nesse momento, eles contaram os anos para descobrir a idade dele. Um deles, após ver a fotografia, disse que lembrou do seu professor de Educação Física. Nesse momento, ao apresentar mais informações sobre o livro, disponibilizamos cópias de alguns trechos contendo palavras com um pequeno texto abaixo. Sugerimos que cada um escolhesse uma palavra que lhe chamasse atenção e, após isso, eles leram o pequeno texto referente à palavra escolhida.

Após a leitura em voz alta, alguns jovens fizeram comentários e, então, os convidamos para desenhar o que haviam lido. Nesse momento, um dos jovens foi relutante, ele havia escolhido a palavra “sonhar” e disse não ter nada o que desenhar. Então, outro jovem disse-lhe: “Você não sonha em sair daqui? Desenha isso, então!”; nesse instante, o jovem indeciso iniciou seu desenho com uma casa. Narrou, em voz alta, que a casa era da tia, mas que, na verdade, era um apartamento e não tinha grama. Contudo, no tempo em que esteve recluso no Case, aprendeu a cultivar uma horta e, desse modo, coloriu alguns pés de alface na frente do edifício desenhado. Eles estiveram livres para desenhar o que quisessem, uns com mais espontaneidade, outros com menos; em outro momento, um jovem auxiliava os outros com ideias, cores e formas, e, assim, começaram a dialogar sobre si e suas vidas.

A palavra que um de nós havia escolhido era “borboleta”. Ao expor nossos desenhos, um deles exclamou: “Ah! Claro, borboleta, vocês são livres”. Aproveitamos para questioná-los:

“Será mesmo que somos todos livres?”. Todos eles se olharam e permaneceram em silêncio. Percebemos que, muitas vezes, antes de colocarem suas falas, eles olhavam os agentes socioeducativos que nos observavam. Isso nos lembrou Turguêniev (2019, p. 151) no livro *Pais e Filhos*, ao questionar se “será que uma pessoa sempre pode exprimir em voz alta o que ‘se passa’ dentro dela?”.

Em outro encontro, os convidamos a fazer uma meditação guiada de olhos fechados. Percebemos, naquele momento, que também deveríamos fechar nossos olhos para demonstrar a prática. Mas, como faríamos isso em um local em que supostamente se deveria estar de olhos abertos o tempo todo? Então pensamos: como poderíamos esperar confiança deles, se não confiávamos neles? Assim, fechamos os olhos e começamos a meditação. Como diz hooks (2017), é no desafio da autorrealização que se criam experiências capazes de abrir espaços para todos se expressarem e, para isso, é necessário o educador também estar aberto para partilhar suas próprias narrativas, sendo genuíno consigo e com os demais.

Durante a prática, um dos jovens realizou todos os movimentos guiados, inclusive, colocou as mãos em seu coração. De repente, um agente entrou e disse: “Vou fazer a chamada”; após isso, um dos jovens falou: “Cortou todo o clima”. Então, em seguida, os convidamos para recomeçar. Após essa prática, seguimos a leitura do livro *O casaco de Pupa* (Ferrándiz, 2011), que narra uma menina com muitos medos. Nesse contexto, levantamos a reflexão: “Afinal, quais são nossos medos?”. Logo, um dos jovens mencionou que seu medo não estava ali, escrito no livro, e perguntou se poderia falar um medo diferente. Nos colocamos disponíveis para ouvir essa outra palavra, pois, como diz Freire (2020, p. 48), “entre seguirem prescrições ou terem opções, [quantas vezes temos opções?]”. O jovem continuou sua fala dizendo que seu medo era a incerteza de ir para o inferno ou para o céu após seu falecimento. A partir disso, os outros jovens se autorizaram a falar os medos que tinham; para um, era o medo de perder a família, para outro, era de se perder, como estava escrito no livro. Nesse horizonte, um jovem indagou: “Mas, quem nunca se perdeu?”. Logo, emergiu daí um diálogo, no qual cada um queria contar suas lembranças de criança, sobre ter ou não ter se perdido. Nesse momento, aproveitamos para elencar a diversidade de memórias que podemos ter a partir da mesma história.

Ao prosseguir a atividade proposta, que objetivava transformar esses medos em outras ações positivas, confeccionamos juntos um *origami* de borboleta; dentro dele, escreveríamos algo que nos desse esperança. De repente, um dos jovens disse não querer fazer, pois não havia gostado do encontro e que fazer isso contribuiria em nada para sua vida. Nesse momento, os outros jovens participantes aparentaram-se chocados com a expressão de discordância de seu colega, mas, para nós, foi a confirmação de que espaços permissivos são o contraponto da

instituição e que são propulsores para alavancar as subjetividades dos sujeitos, reafirmando assim sua autonomia, como nos propõe Paulo Freire (2020) em sua práxis.

A partir dessa oficina, surgiram diversos diálogos sobre questões relacionadas a outras áreas da vida. Nesse contexto, eles comentaram assuntos sobre Biologia e Matemática, devido às formas geométricas do *origami*, bem como História e Geografia, devido à origem da arte de dobradura japonesa (*origami*); inclusive, um dos jovens havia aprendido outro tipo de *origami* e pôde comentá-lo e mostrá-lo para todos da roda. Logo na sequência, propusemos ouvir a música *Pensamento* da banda Cidade Negra; ouvimos a canção uma vez e, logo, questionamos qual parte haviam gostado mais. Um jovem trouxe a frase “faça por onde, que eu te ajudarei” (Lazão, 2017, 2min19s), e comentou que esse trecho o fez pensar que sempre precisamos de alguém para nos ajudar.

Nessa vivência, tivemos dois momentos desafiadores que nos fizeram recorrer à teoria freireana para afirmar a práxis. O primeiro momento foi compreender a importância não apenas do diálogo, como também da escuta. Nas rodas de biblioterapia, muitas vezes surge o diálogo, o que implica em também haver a escuta, ato este que permite, portanto, falar com eles (Freire, 2011), ou seja, “a biblioterapia tem, implícita, a intenção de ouvir o outro e de falar com ele, ou seja, incentiva o diálogo; de fato, essa é sua essência” (Caldin, 2010, p. 43). Em outras palavras, ouvir a sinceridade daquele jovem sobre como aquela vivência foi sentida por ele e permitir que haja o desgosto em nosso trabalho, olhando isso como forma de poder de expressão, foi difícil. Contudo, entendemos ter sido libertador para ele e para nós.

Nesse sentido, por meio da experiência de mediar diálogos sem a função de somente ensinar, a arte do *origami* não era nosso saber exclusivo. Logo, precisamos abrir-nos para uma troca genuína de saberes e, como escreveu Freire (2020, p. 15),

No círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em “reciprocidade de consciências”; não há professor, há um coordenador, que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo, reduzindo ao mínimo sua intervenção direta no curso do diálogo.

Os encontros se seguiram e, em um dos últimos dias, os jovens se organizaram e levaram para a oficina os livros disponibilizados pela biblioteca interna que estavam lendo, e começaram a falar sobre eles. Nessa oficina, leríamos um trecho do livro *Correspondências*, de Clarice Lispector (2002) – especificamente, selecionamos uma das cartas que ela enviou para sua irmã. Antes da leitura, sugerimos que refletissem sobre onde se passava a história que estavam lendo e, na prática meditativa, os convidamos a imaginar lugares diferentes que gostariam de

conhecer. Após esse momento, entregamos o texto a ser lido em conjunto, e um agente pediu para acompanhar a leitura. Todos leram em voz alta e, após isso, o silêncio instaurou-se, o que nos lembrou quando Freire (2016, p. 115) afirmou que “a importância do silêncio no espaço da comunicação é fundamental”. Esperamos alguns minutos e, adiante, o agente que havia lido conosco comentou: “essa carta traz muita coisa se fosse parar para ver”, além de trazer alguns trechos do texto. Ouvimos o agente falar, o que nos remeteu a Freire (2016, p. 117) ao afirmar que “escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um [...] significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro”. Por fim, todos ficamos impressionados com o movimento do agente, pois sua participação espontânea alavancou um diálogo no qual os jovens voltaram ao texto para reler.

Em um dos momentos significativos do círculo, enquanto discutíamos as músicas preferidas dos jovens, surgiu uma tensão; havíamos estruturado a partilha de uma música do cantor Emicida, mas os jovens expressaram o desejo de ouvir o grupo Racionais MC's. Um jovem expressou sua preferência pela profundidade e complexidade das letras dos Racionais, o que abriu um diálogo sobre a importância de se sentir representado pela arte e pela literatura. Lembra-nos das palavras de Paulo Freire (2011, p. 30), que enfatizam que “as palavras com que organizar o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos”.

Essa troca evidenciou a necessidade de conectar os conteúdos das oficinas com o universo cultural dos jovens, promovendo uma verdadeira identificação e engajamento. A prática de criar um espaço dialógico, no qual cada voz é ouvida e respeitada, revelou-se transformadora. Freire (2011, p. 37) ressalta que “cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar essa constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros [...] o direito de dizer a sua palavra”. Além disso, implica escutá-los com atenção e compromisso, agindo por dever e vontade, e não por interesse em obter benefícios em troca. Ademais, escutar dessa maneira representa conversar realmente com os outros, enquanto somente falar com eles seria uma forma de ignorar suas vozes.

Esse princípio orientou nossas sessões, garantindo que todos os jovens pudessem se expressar genuinamente, sem medo de julgamento e, além disso, a troca de experiências e saberes reforçou a interdependência dos participantes. Como Freire (2020, p. 20) pontua, “mas ninguém se conscientiza separadamente dos demais”.

Em linhas gerais, o ambiente criado nas oficinas de biblioterapia propiciou um espaço

seguro onde os jovens podiam refletir sobre suas vidas e suas escolhas, percebendo-se parte de uma comunidade maior. Esse sentimento de pertencimento e solidariedade é fundamental para a reconstrução de suas identidades e para a preparação para uma vida pós-reclusão. Esses encontros evidenciaram que a biblioterapia pode ser um poderoso instrumento de transformação em contextos de privação de liberdade. Ela promove significativamente a leitura e a expressão – dimensões particularmente relevantes em espaços de privação de liberdade –, conforme apontam estudos sobre práticas de leitura no contexto prisional, dadas as dificuldades educacionais enfrentadas por jovens em cumprimento de medidas socioeducativas, ao mesmo tempo em que constrói pontes de diálogo e compreensão mútua, fundamentais para a emancipação e a reintegração social desses jovens.

A prática reafirmou a importância do amor e do respeito como fundamentos do diálogo, conforme destaca Freire (2020, p. 110): “sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo”. Nesse sentido, as experiências entre quatro paredes no Case possibilitaram a reflexão e a autoexpressão, ao mesmo tempo em que criaram um espaço propício ao fomento de reflexões críticas coletivas entre os jovens. Essa dinâmica reforça a ideia de que a educação libertadora constitui um caminho viável e necessário para a transformação social.

Considerações finais

A experiência de conduzir oficinas de biblioterapia no Case evidenciou a potência transformadora dessa prática em ambientes de privação de liberdade. Ao longo dos cinco encontros realizados com os jovens, observou-se um forte desejo de expressão e um envolvimento significativo nas atividades propostas, acompanhado por um rico detalhamento das vivências em cada sessão. Cada oficina ocorreu na biblioteca do Case, com o espaço cuidadosamente preparado para o diálogo: mesas e cadeiras dispostas em círculo e diversos materiais (livros selecionados, papéis, lápis, materiais de desenho e *origami*) disponíveis. Acredita-se, portanto, que as rodas de biblioterapia proporcionaram um espaço fecundo para trocas de saberes, reflexões e diálogos, com a capacidade de promover a possibilidade de emancipação dos participantes e oferecendo-lhes um meio de reimaginar suas vidas e construir novas possibilidades para o futuro.

A biblioterapia, ao fomentar a leitura e o diálogo a partir da literatura, mostrou-se uma ferramenta eficaz para a promoção da autonomia e da comunicação entre os jovens internos. As atividades permitiram que os participantes se colocassem como protagonistas de suas histórias, explorando suas subjetividades e compartilhando suas experiências de maneira

autêntica e significativa. A criação de um ambiente permissivo e de confiança foi fundamental para o sucesso das oficinas, permitindo que os jovens se sentissem seguros para se manifestar e participar ativamente.

As atividades artísticas, como desenhos, pinturas, *origamis* e cartas, enriqueceram as leituras e os diálogos, proporcionando diversas formas para os jovens expressarem suas emoções e reflexões. A liberdade criativa e a troca de ideias impulsionaram a criatividade e fortaleceram os vínculos entre os participantes, fomentando um senso de comunidade e apoio mútuo.

Os registros das produções artísticas e das cartas escritas pelos jovens durante as oficinas serão guardados e poderão ser acessados por eles após sua liberação, servindo como lembrança das vivências e reflexões compartilhadas. Essas memórias constituem um patrimônio pessoal capaz de apoiar os jovens em sua jornada de reintegração à sociedade, reforçando os aprendizados e as transformações vivenciadas durante os encontros.

Por fim, é importante reconhecer o valor do diálogo, da escuta ativa e da troca de saberes na construção de um ambiente educacional inclusivo e libertador. A biblioterapia demonstrou ser uma prática poderosa para promover a emancipação e a autorrealização, alinhando-se aos princípios da educação libertadora de Paulo Freire. Agradecemos aos jovens que participaram das rodas de biblioterapia e aos profissionais do Case que colaboraram para tornar essa experiência possível, contribuindo para um processo educativo genuíno e transformador.

Considera-se ser importante apontar que, apesar dos resultados promissores, é crucial reconhecer as limitações deste trabalho. O tempo restrito das oficinas, a dimensão da amostra e a ausência de um grupo de controle podem limitar a generalização dos resultados. Além disso, o contexto do Case, com suas particularidades institucionais e a presença de agentes socioeducativos, impõe desafios à implementação da biblioterapia. Para futuras pesquisas e/ou experiências, sugere-se um acompanhamento mais prolongado dos participantes, a ampliação da amostra e a inclusão de um grupo de controle, além de uma análise mais aprofundada do papel dos agentes socioeducativos na dinâmica das oficinas.

Referências

ALVES, R. **Os três reis**. São Paulo: Loyola, 2004.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 23 maio 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012.** Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescente que pratique ato infracional; e altera as Leis nºs 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente); 7.560, de 19 de dezembro de 1986, 7.998, de 11 de janeiro de 1990, 5.537, de 21 de novembro de 1968, 8.315, de 23 de dezembro de 1991, 8.706, de 14 de setembro de 1993, os Decretos-Leis nºs 4.048, de 22 de janeiro de 1942, 8.621, de 10 de janeiro de 1946, e a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Brasília, DF, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112594.htm. Acesso em: 23 maio 2024.

CALDIN, C. F. **Biblioterapia: um cuidado com o ser.** São Paulo: Porto de Idéias, 2010.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, jan./abr. 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100013. Acesso em: 30 abr. 2024.

DOEDERLEIN, J. **O livro dos ressignificados.** São Paulo: Paralela, 2017.

FERRÁNDIZ, E. **O casaco de Pupa.** São Paulo: Jujubz, 2011.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 53. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 74. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LAZÃO *et al.* Cidade Negra – Pensamento (DVD acústico Cidade Negra). **YouTube**, 2017. Disponível em: <https://youtu.be/EPpL2BJoE7s?si=6GeCFupcflRtae7A>. Acesso em: 26 nov. 2025.

LISPECTOR, C. **Correspondências.** Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

OUAKNIN, M. A. **Biblioterapia.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

TURGUÊNIEV, I. **Pais e filhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Submetido em 7 de janeiro de 2025.

Aprovado em 15 de maio de 2025.